



Movimento

A Igreja de Coimbra ama e liberta

Fazer coisas

Há dias, na sequência duma reflexão que me foi pedida, andei à procura da ideia directriz e do agente privilegiado na pastoral actual. Partindo daquilo que foi o ano sobre S. Paulo e os anos anteriores, a sensação que me deu é que na pastoral, afinal, estamos demasiado bloqueados pelos modelos "mundanos" que gerem a cultura e a prática sociais que tanto gostamos de criticar.

Pareceu-me que hoje, em pastoral, a directriz predominante é fazer coisas. O Papa anunciou um ano sacerdotal, e aquilo que somos logo levados a discutir é "o que é que vamos fazer para celebrar este ano?". E depois enunciamos e eventualmente comprometemo-nos com uma larga diversidade de iniciativas, mas com fraca coesão interna entre si, mais ou menos alheias à cultura histórica local e sem projecto de continuidade. Resumindo: fazer coisas. Aliás, em abono da verdade, um "fazer coisas" que normalmente corre bem e nos dá a sensação gratificante de termos estado à altura do desafio. Mas fazer coisas, sem outro tipo de regra que não seja fazê-las e pô-las no mercado, obtendo o máximo de gratificação, é a directriz do neo-liberalismo! Verdade?!

E quem é o agente pastoral que hoje privilegiamos? Já privilegiámos o Papa, a comunidade, a pessoa...; hoje parece-nos que o bom agente pastoral é aquele que faz coisas! Se fizer coisas novas, coisas de que ninguém se lembrou, então é excelente. Isto, independentemente de outro qualquer juízo sobre a validade e utilidade dessas coisas. Ora, como não dizer que este é o modelo que eudeusa os agentes económicos liberais que consigam meter no mercado qualquer produto que tenha êxito de consumo, independentemente da sua qualidade e utilidade?!

Para um grande número de "coisas pastorais" que fazemos deveríamos primeiro tentar responder à pergunta: "o que é que esta actividade vai acrescentar, em concreto, à vida religiosa/fé da comunidade ou das pessoas?". E só depois de termos percebido que existe uma mais-valia concreta associada a uma determinada actividade, de termos percebido qual é, e de termos equacionado se tal mais-valia justifica as "despesas" (tempo, saturação das pessoas que... "são sempre as mesmas", dinheiro, etc.) é que nos deveríamos lançar a uma actividade, e sempre de modo integrado e coerente no todo pastoral da vida na comunidade cristã.

Muitas vezes até é apenas uma opção entre fazer coisas novas ou dar vida nova às coisas velhas, mas inculturadas e amadas.

NEVES

A preocupação da Cáritas de Coimbra com a problemática da toxicod dependência remonta a 1976, altura em que toda a sociedade foi sacudida pelas primeiras mortes de jovens provocadas por overdose. Hoje, a morte por overdose já não é notícia e dificilmente juntaríamos numas Jornadas sobre droga 300 pais e educadores como então aconteceu no Salão de S. Tomás de Aquino.

É isso: o que mais choca quando paramos a reflectir sobre algum problema social é que, verdadeiramente, ele ou é moda ou já não é problema social, mas problema "privado" atirado para as preocupações de quem o sofre, das famílias, de alguma instituição, eventualmente ainda de algum gabinete ministerial... Da moda à banalidade o salto é curto. E a toxicod dependência tornou-se, socialmente, banalidade.

Há, porém, muito trabalho que está a ser feito, com rigor, persistência e amor por todos aqueles que foram apanhados nas malhas das drogas. Um trabalho feito por muitas instituições e pessoas. Mas, em nome da verdade, exige-se que digamos também que a Cáritas de Coimbra tem estado incessantemente activa em todas as frentes deste trabalho.

Um exemplo é a Comunidade Terapêutica "Encontro", em Maiorca, que sendo o mais antigo equipamento da Cáritas diocesana a trabalhar com toxicod dependentes (desde 1991), acaba de criar um segundo espaço físico, "Encontro 2", em Coimbra, como lugar de pre-autonomização dos utentes que fizeram o seu programa em Maiorca. Para bom entendedor, os testemunhos ficam aqui.

Quando os consumos roubaram a própria adolescência



O grupo dos utentes da Comunidade Terapêutica Encontro, em Maiorca, cumpre um Programa de vida centrado nas potencialidades da psicologia positiva. O Programa está estruturado para uma duração normal de 12 meses e a Comunidade conta com 32 camas licenciadas, 25 das quais convencionadas.

Cáritas abre Creche na Praia da Leirosa



No próximo mês de Setembro a Cáritas de Coimbra abre mais uma resposta social, na valência creche, no Centro Comunitário N.º Sr.ª da Boa Viagem, na Praia da Leirosa, Figueira da Foz. Este novo equipamento aproveita um espaço ocupado até 2006 pelo centro de actividades de tempos livres, depois de obras de reconversão e ampliação, aprovadas pelo programa PARES. A creche terá uma capacidade para 33 utentes, distribuída por berçário (8), sala de 1 ano (10) e sala de 2 anos (15). As

inscrições estão a decorrer, podendo ser feitas no local.

Este projecto resulta do diagnóstico efectuado, e que evidenciou a preocupação no acompanhamento das crianças e a necessidade da mulher sair de casa para trabalhar. A creche é uma resposta que apoia o desenvolvimento social, afectivo e cognitivo na criança.

A visão tradicional da prestação de cuidados e da educação de crianças pequenas serem assumidas

exclusivamente pela família deu lugar a uma nova percepção do assunto e à necessidade de criar uma resposta social adequada. No entanto, e apesar das conquistas na área da educação de infância, que conferiram direitos específicos à criança, tornando-a personagem central da família e da escola, tais conquistas nem sempre se traduzem em práticas intencionais e coerentes.

Os primeiros anos de vida são fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança. A forma como cada criança vive esta fase influenciará a sua futura adaptação ao mundo e, consequentemente, a capacidade para ser feliz.

Pretende-se que a creche proporcione às crianças condições adequadas ao seu desenvolvimento global, cooperando com a família em todo o processo educativo.

A creche funcionará de 2.ª a 6.ª feira, com horário das 7h 30m às 18h 30m. Haverá a possibilidade de serviços adicionais, tais como prolongamento de horário, banho, jantar e serviço de transporte.

Marta Amaral

COMUNIDADE TERAPÊUTICA**Princípios e metodologias**

O que caracteriza e eventualmente diferencia a Comunidade Terapêutica Encontro é que assenta numa perspectiva humanista e antropológica (onde se cultivam os valores do humanismo e se entende a pessoa no seu todo) e adota a psicologia positiva e da saúde como princípios orientadores do programa.

Assim, ela assume-se como o tempo e o espaço compreensivo e facilitador da saúde global, oferecendo um ambiente seguro, livre de drogas, e pondo ao dispor dos destinatários os meios necessários para a sua promoção e desenvolvimento pessoais, explorando os recursos disponíveis dentro de si mesmos, de forma a alcançarem o bem-estar subjectivo e, com ele, o equilíbrio biológico, psico-afectivo, social e noológico, com vista a uma (re)integração bem sucedida na sociedade e, portanto, a uma vida satisfatoriamente autónoma, onde se sintam úteis, responsáveis e felizes.

A metodologia assenta numa dinâmica comunitária/ vida em grupo, da qual fazem parte, designadamente, o horário de funcionamento, a higiene e limpeza pessoais, a execução de tarefas domésticas, tais como, preparação e confecção das refeições, lavagem da louça, serviço de lavandaria e roupa, limpeza e manutenção das instalações e zona envolvente e ainda a criação de aves, horticultura biológica, jardinagem e oficinas de manutenção.

O grupo dos residentes tem uma organização própria e goza de relativa autonomia na execução da dinâmica comunitária, na qual todos participam e desenvolvem a comunicação, a interacção, a partilha de tarefas, a responsabilidade, a criatividade e o treino de competências.

Nas sessões terapêuticas individuais e em grupo (orientadas pela equipa técnica), partilham experiências, analisam situações, reforçam a auto-estima, a autoconfiança e o sentimento de pertença.

Nas sessões de família, revêem e estruturam as relações familiares e/ou outras, de forma a assegurar o suporte e o apoio necessários, após a saída.

A vida em comunidade é regulamentada por normas e regras claramente definidas no Regulamento Interno, a que todos têm acesso e que são amplamente explicadas, discutidas, partilhadas e assumidas por todos como código de conduta.

Apontam-se como modalidades terapêuticas: Reuniões comunitárias; Terapias de grupo; Grupos de encontro; Grupos de introspecção e análise; Aconselhamento individual; Dinâmicas de grupo; Grupos temáticos; Acompanhamento familiar paralelo; Espaços didácticos, lúdicos, criativos.

Albano Rosário

Deixar as drogas, afinal, é o mais fácil

A vida na Comunidade Terapêutica, obedecendo naturalmente às orientações dos técnicos, organiza-se por grupos de tarefa (cozinha, quinta, roupa, etc.), mediante um sistema de comunicação e gestão do grupo à frente do qual se encontram os utentes com mais tempo e maiores progressos no Programa terapêutico. O Filipe, na foto à esquerda, e o Paulo, na foto à direita, são actualmente os mais responsáveis desta organização interna do grupo de utentes. São deles também os testemunhos ao lado.

Foi aqui que me formei como pessoa. Entrei aqui sem qualquer ética, sem qualquer valor. E as coisas correram bem depois de sair daqui até há quatro anos atrás. Recaei ao fim de seis anos, por ter voltado ao meio e reencontrado as mesmas pessoas. Voltei a recair porque me desviei da linha que tinha sido traçada na Comunidade. Se eu tivesse continuado o trabalho na linha que me tinha sido traçada aqui, as coisas teriam sido diferentes. Agora estou cá outra vez há 11 meses. Estou quase no limite do tempo, mas continuo em Programa e a trabalhar nesse sentido. A maior dificuldade foi não estar suficientemente preparado: acho que os consumos me roubaram muita coisa durante a adolescência, coisas que eu não vivi, e depois, ao ser confrontado com essas situações mais tarde, não tive o estofo suficiente para me aguentar.

Desta vez entrei completamente desacreditado pelo estilo de vida, pelos consumos e sobretudo pela recaída. Caí em mim: sozinho não sou capaz; vou ter que pedir ajuda. E como já tinha o conhecimento desta casa não hesitei um momento na escolha.

Da primeira vez que aqui estive tirei um curso na área da cozinha. Neste momento tenho uma visão mais alargada das coisas e vou tentar procurar mais do que uma opção e depois, entre as opções que tiver, fazer a escolha certa e a que poderá ser melhor para mim no futuro.

(testemunho do Paulo Baptista)

Meti-me nas drogas muito cedo: haxixe, heroína, cocaína... Cheguei mesmo ao fundo, a viver na rua, a trabalhar para os traficantes... Cheguei onde nunca tinha imaginado que pudesse chegar: mesmo, mesmo ao fundo.

Informe-me no C.A.T. (Centro de Apoio a Toxicodependentes) e fui encaminhado para aqui. Mas quando aqui cheguei, não falava, fazia as coisas à minha maneira. Pensava que vinha estar aqui um ano para deixar as drogas. Mas aqui, com a ajuda dos doutores e do grupo, vi que deixar as drogas, afinal, é o mais fácil; o difícil é mudar os comportamentos e a maneira de pensar, de ver as coisas.

Com essa ajuda, hoje sei que sou uma pessoa que tenho valor, que sou capaz, que ainda consigo ser feliz. Aqui temos esse "voto" dos doutores; lá fora fomos sempre espeznhados, nunca tivemos valor. Aqui sei que consigo fazer comida, que consigo gerir uma casa, que consigo gerir um grupo. Eu, que era uma pessoa totalmente fechada!

Desta vez sei que vou ser capaz. Fiz muitas "curas", com metadona e outros medicamentos, e nunca resultou, porque, certamente, o que eu tinha que mudar eram os meus comportamentos, a minha maneira de pensar, e estou a consegui-lo. O que eu gostava de transmitir nesta reportagem é que é possível e que temos de acreditar em nós.

O Programa terapêutico aqui é sermos confrontados com a vida do dia a dia, e fazemos avaliação todos os dias.

Estamos suficientemente abertos para fora: jogamos futebol às 2ªs e 4ªs feiras, no Verão vamos à praia, à piscina...

(testemunho do Filipe Gonçalves)

É uma comunidade masculina?

A Comunidade Terapêutica Encontro, sendo potencialmente mista e tendo já tido mulheres que fizeram aqui o seu Programa terapêutico, actualmente só tem homens, não por qualquer tipo de discriminação, mas porque o número mínimo ideal para uma boa integração

no grupo seria de três mulheres, o que é muito difícil de conseguir em simultâneo. Por isso a Comunidade tem encaminhado as mulheres candidatas, que normalmente aparecem isoladas, para outras comunidades femininas ou mistas.



O "Programa" aqui vale a pena



Na foto, a Anneelise, em estágio na Cáritas, entrevista o Ricardo Daniel, de 30 anos, e um dos residentes mais antigos (17 meses no Programa).

Quando entrei para cá estava desacreditado da vida. Mas ao longo do tempo fui acreditando que é possível, fui recomeçando a gostar da vida e de mim próprio, a aceitar-me. E fui aprendendo, no dia a dia, a gostar de tudo, a gostar das pequenas coisas. O principal é sentirmo-nos bem connosco próprios e sentirmos que somos aceites pelas pessoas.

Eu diria até que mesmo para as pessoas que nunca tenham caído na droga, o "Programa" aqui também vale a pena!

(Ricardo Daniel)

O Equipamento em fotos



A Comunidade Terapêutica Encontro, como testemunham as fotos, oferece um clima de tranquilidade e um ambiente acolhedor aos utentes. Os espaços físicos são elementos estruturais à qualidade de vida das pessoas e deles também depende em muito um bom processo terapêutico.

A nova unidade de pré-autonomização

A Comunidade "Encontro 2" é uma casa em Coimbra, já pronta, mas neste momento ainda sem nenhum utente a residir, que pretende responder à necessidade de permitir aos utentes residentes em Maiorca a re-aproximação ao meio urbano e à vida social comum na fase final do Programa terapêutico. Tecnicamente, faz parte ainda do Programa, numa fase que ainda não é de Reinserção (para a qual a Cáritas já conta com um equipamento, também em Coimbra) mas sim de pré ou semi-autonomização.

Nesta casa "Encontro 2", os utentes terão uma ocupação essencialmente de tipo voluntário e de formação profissional. Enquanto isso, vão-se adaptando aos ritmos sociais quotidianos, aos horários de trabalho, a uma maneira mais real de estar na vida. De facto, embora haja um grande esforço para aproximar o ritmo da comunidade de Maiorca à "vida real", nunca deixa de ser um ambiente um pouco isolado e diferente, no qual os utentes passam largos meses.

Empatia e olhar positivo



Albano Rosário, director da comunidade, ao Movimento:

O programa Terapêutico, de há 5, 6 anos para cá, optou por uma abordagem em que não se centra tanto nos problemas das pessoas, ou nos seus comportamentos negativos, mas nos recursos, nas capacidades que elas ainda têm disponíveis e podem desenvolver para se organizarem na vida. Isto entra na lógica da psicologia positiva, da psicologia da saúde virada para as partes sãs da pessoa e também de uma abor-

dagem rogeriana (Carl Rogers), um tipo de abordagem que não se centra no problema, mas na pessoa. Segundo Rogers, os indivíduos possuem dentro de si recursos suficientes para mudarem a sua personalidade e darem uma volta positiva na sua vida, com sucesso. Basta que para isso haja na sua vida um clima de atitudes psicológicas facilitadoras, como a empatia e o olhar incondicional positivo. Aceitamos a pessoa no seu estado, como ela é, e tentamos promovê-la.

De Janeiro a Junho de 2009, a Comunidade admitiu oito novos residentes, deu alta a sete, e teve uma desistência. De 2008 tinham transitado vinte e um utentes.

Em 2008 o total de utentes que passou pela comunidade foi de 62, considerando os que transitaram do ano anterior e as 47 novas admissões, com 25 altas programadas e 26 não programadas.

Dos que tiveram alta, 21 permanecem abstinentes, 15 dos quais a trabalhar, 2 em tratamento e os outros em situação incerta ou desconhecida.

A Equipa técnica

Para além do Director Técnico, Albano Rosário, que colabora neste número do Movimento, a Equipa Técnica da Comunidade Terapêutica conta com um Director Clínico, o

psiquiatra Horácio Firmino, e com a psicóloga Lurdes Louro, a socióloga Ana Raquel Silva e ainda estagiários e voluntários.



Idosos em Colónias de Férias

Ah! Como é bom e saudável!



O Parque Social Santo António, na Praia de Quiaios, é uma estrutura da Cáritas de Apoio a actividades de formação e lazer, aberto durante todo o ano às paróquias e a outras entidades, que procuram este serviço pela qualidade do mesmo e ambientação geográfica: próximo do mar, da serra, da floresta, das dunas, das lagoas, da cidade, e sempre num ambiente de enorme tranquilidade.

Nos meses de Inverno, para além dos tempos de férias escolares, é muito procurado nos fins de semana; nos meses mais quentes, está ocupado diariamente, por grupos diversos de crianças, jovens e idosos,

sendo que a percentagem de idosos (lares, centros de dia...) que procuram o Centro tem vindo sempre a aumentar.

As fotos, por exemplo, reportam-se a uma Colónia de Férias para Idosos providos de Equipamentos da Cáritas Diocesana na primeira semana de Junho. Uma característica desta Colónia foi a actividade física, nomeadamente na praia, mas houve também tempo para convívio, visitas a museus, actividades pessoais...

Sublinha-se a avaliação positiva que estes campos sempre têm tido, não só sob o aspecto das actividades e do espaço, mas também do acolhimento e das refeições.

**"É possível outro mundo".
A crise actual, uma oportunidade para a esperança? (*)**

A situação actual da nossa sociedade confirma uma intuição e um pressentimento anunciado há muito tempo. Encontramos não somente diante duma mudança geracional, mas também diante de uma mudança de época. A prova desta necessidade de transformação profunda da sociedade é que não se trata somente de uma crise económica, social e política - que certamente também é - mas especialmente de um conflito cultural, de valores e virtudes, de cosmovisão, quer dizer, uma crise de humanidade.

Efectivamente, a partir de uma perspectiva social, vemos que a crise económica não é somente mais uma das que periodicamente produz o sistema capitalista, mas que também tem as suas raízes na cultura, na escala de valores, no modelo de vida e de sociedade. Confrontada com esta situação social, a pessoa concreta vive entre o desafio do medo, da angústia e da solidão, mas também anda à procura duma nova maneira de viver que faça sentido.

Como em todas as épocas de crise, a que estamos a viver actualmente mostra que o modelo de vida do passado já não serve, porque não dá mais de si; mas, por outro lado, ao mesmo tempo, percebemos também que ainda não temos luz suficiente para visualizar no nosso imaginário um modelo satisfatório de futuro. Esta tensão gera, claro, uma grande incerteza diante do futuro imediato, mas por outro lado e vista em perspectiva, como toda a crise ou tempo de discernimento, oferece-nos uma grande oportunidade para renovar a vida de cada dia, mudar as coisas e aprender a caminhar na esperança.

Diante desta realidade que se nos apresenta, não existem receitas simplistas para tapar o buraco da situação que vivemos. Sem dúvida, se não perdermos o tempo em lamentações e autocompaixão, encontramos alguns critérios e referências que nos podem ajudar a caminhar com realismo, sem nostalgia do passado nem medo diante dos desafios do futuro.

A Cáritas, há algum tempo, difundiu o slogan "É possível outro mundo" e, de facto, na história dos últimos decénios, a sua acção não se limitou a fazer declarações cheias de palavras vazias, mas estudou profundamente as causas da pobreza e da exclusão social, tem puxado pela comunidade cristã para erradicar estas causas (ao nível das paróquias,

dioceses e nacional) e realiza acções significativas que antecipam e mostram que este novo mundo é possível. Para grandes males, grandes remédios.

À luz do horizonte de esperança que emerge da mensagem central do cristianismo, quer dizer, à luz das "bem-aventuranças" (Mt 5, 1-13), operativas nas "obras de misericórdia" (Mt 25, 31-46), há três elementos chave que nos podem ajudar a converter as duras dificuldades do presente em oportunidades de crescimento pessoal e comunitário para o futuro: a visão atenta da realidade de cada dia, o discernimento evangélico e o compromisso na acção que nasce da paixão pela justiça e pelo amor.

Visão atenta da realidade

O primeiro elemento é ver com rigor a realidade, para não ficarmos somente pelas aparências dos acontecimentos, nem nas suas camadas superficiais, mas para aprender e descobrir as suas raízes mais profundas. A educação deste olhar atento para os pequenos acontecimentos de cada dia ajuda-nos a descobrir os desafios e os sinais de esperança que emergem naquilo que à primeira vista parece pequeno, mas que na realidade esconde uma luz e uma força que nos encaminham para o sentido comum e para a sabedoria.

Discernimento

O segundo elemento radica na aprendizagem do discernimento a partir da alternativa de esperança que se esconde nas bem-aventuranças dos pobres, dos simples, dos que choram, dos limpos de coração, dos compassivos, dos artesãos da paz, dos que têm fome e sede de justiça, dos perseguidos por acreditarem na nova humanidade... Trata-se de um discernimento que não tem nada a ver com um optimismo ingénuo, e muito menos com um pessimismo autodestrutivo, mas antes que

permite perscrutar um horizonte aberto para onde caminhar e pontos de referência reais para caminhar com sentido no meio das turbulências da vida.

Compromisso

O terceiro elemento consiste no compromisso consciente e conseqüente, próprio daquelas pessoas que não esperam terem o controlo de tudo para se implicarem na vida, mas antes que descobrirem que na transformação do mundo se faz caminho a caminhar e que este caminho se realiza mediante as obras concretas do amor. Então, quando este pequeno compromisso concreto é vivido no próprio espaço concreto, é como um grão de mostarda (Mt 13, 31-32) que, ainda que seja a mais pequena das sementes, tem uma grande potencialidade e virtualidade de futuro.

Para limpar a cidade há que começar por varrer à frente da casa. Se um número significativo de pessoas opta por olhar atentamente para a realidade, por aprender a discernir e por comprometer-se nas pequenas e grandes coisas de cada dia e, além disso, trabalham numa rede solidária entre elas, ainda que o trabalho a fazer seja muito, tudo é possível. Continuamos a acreditar que as pequenas coisas de cada dia, feitas com lucidez e esperança, se convertem em chispas de luz no mundo de hoje. O objectivo da Cáritas na conjuntura presente é estimular e manter vivo este horizonte de luz, sem grandiloquência nem arrogância, mas com simplicidade e a cumplicidade entre todos.

Em definitivo, há que sair do narcisismo para caminhar para a alteridade, porque, como disse de forma tão bela um poeta, "somente quando dizemos tu, respiramos ar fresco".

Certamente, outro mundo é possível. A crise actual, vista em profundidade, ainda que gere sofrimento, oferece-nos uma nova oportunidade histórica realista para mudar as coisas a partir da chave da esperança, que nasce da fé e se realiza na caridade.

(*) - artigo de Ramón Prat e Pons, Professor da Faculdade de Teologia da Catalunha e Conselheiro da Cáritas Espanhola, rev. Cáritas, nº 502

Cáritas 2009

Se não tiver caridade, nada sou

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - nº 364

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

Xaxapoyos - a Cáritas nos campos da Diocese

A Diocese de Coimbra promove este ano três campos de férias para jovens, tendo em especial atenção as crianças e adolescentes (dos 8 aos 18 anos) cuja família tem particulares dificuldades económicas, nomeadamente por causa do desemprego no contexto da crise que atravessamos.

A Cáritas participa activamente nesta realização, sendo que todos os Campos vão decorrer no Centro Comunitário N.º 8 da Boa Viagem, na Praia da Leirosa (Figueira da Foz), tendo as equipas sido formadas a partir de diferentes estruturas diocesanas, incluindo a Cáritas.

Os Campos de férias "Xaxapoyos" (referência à tribo índia chachapoya, à volta da qual girarão as actividades a desenvolver) procuram situar-se numa perspectiva inclusiva e de profunda fraternidade entre todos os jovens que vierem a participar, e destes para a sociedade.